

## **FISIOTERAPIA COLETIVA NO MORRO NOVA CINTRA: ROMPENDO COM SABERES E FAZERES TRADICIONAIS**

Fernanda Flávia Cockell (USP)

Giany Gonze Tellini (USP)

A Fisioterapia Coletiva é um campo novo, ainda em construção, capaz de romper com o modelo reabilitador. Historicamente, a Fisioterapia tem voltado suas ações para o binômio “disfunção-tratamento”, centralizada na aplicação de técnicas e protocolos para a reabilitação de doenças e redução das seqüelas. Entretanto, tal prática de atuação não se mostra viável diante do atual modelo de organização do sistema de saúde baseado na atenção básica (BISPO JUNIOR, 2011, RIBEIRO, 2009).

Ao direcionar sua prática profissional para Atenção Básica, cujo campo de ação está na comunidade e não mais nos hospitais/clínicas, a Fisioterapia necessita formar profissionais aptos para atuar em saúde, numa visão ampliada, rompendo com o modelo tecnicista do processo saúde/doença. Para tal, é preciso o potencial interpretativo das ciências sociais e da saúde coletiva, capazes de formar profissionais com competência reflexiva e crítica a respeito dos problemas coletivos e individuais da saúde, bem como de sua profissão e de suas práticas, impondo no plano de suas intervenções a intersectorialidade e a inter/multidisciplinaridade (CARAPINHEIRO, 2006).

O projeto de extensão “Fisioterapia Coletiva: Ações no Morro Nova Cintra”, desenvolvido na UNIFESP, tem propostas preventivas e transformadoras que abrangem todos os segmentos envolvidos na comunidade do Morro Nova Cintra de Santos. O Projeto Político Pedagógico (PPP) do campus Baixada Santista visa a indissociabilidade entre extensão, ensino e pesquisa, a interdisciplinaridade e o impacto na formação do estudante. Ademais, vem de encontro com as diretrizes do PPP de aproximar os estudantes da realidade local da região e, simultaneamente, ampliar a articulação das ações da Extensão com os estágios específicos e com os módulos do Eixo Trabalho em Saúde (TS).

Exercer a profissão de forma articulada no contexto social é a proposta da Fisioterapia Coletiva, ao voltar à atuação na “busca de soluções dos

problemas da sociedade, comprometendo-se com a participação e contribuição social”. Oferece a comunidade formas diferentes de viver através de projetos sociais que transformam o estilo de vida, o “modo de olhar” a criança, o adolescentes, o trabalhador, o homem, a mulher e o idoso (MORANO, 2005, p.7). Simultaneamente, aproxima o discente à realidade social das populações, permitindo, para Ribeiro (2009, p.339), “o conhecimento concreto acerca do adoecimento dessa população e das estratégias de enfrentamento dos problemas”.

Estamos atuando em duas frentes: na saúde dos trabalhadores e na saúde da população em geral, com ênfase na vigilância dos distúrbios cinesio-funcionais e no processo de educação e orientação postural. Especificamente nas escolas de ensino fundamental, temos como proposta o envolvimento dos professores e funcionários, pois a formação continuada de profissionais de educação corrobora com a construção de um ambiente favorável à saúde destes trabalhadores, além de empoderá-los como facilitadores e multiplicadores, aptos para atuar como agentes transformadores da saúde postural das crianças e adolescentes. Desta maneira, nosso principal objetivo é construir conjuntamente com os atores envolvidos práticas favoráveis à postura corporal, através da ressignificação de saberes. Ou seja, a troca de saberes e experiências interdisciplinares permitirão a apropriação do conhecimento. Assim, o coletivo passa a ser corresponsável por sua saúde, tendo a opção de evitar certas posturas, que adotadas por longos períodos, podem causar desconforto ou mesmo serem nocivas a saúde, além de identificar precocemente possíveis problemas de saúde.

Nossa abordagem é, portanto, dialógica, buscando a troca de experiências entre o saber popular e o conhecimento científico. O intercâmbio de vivências e significados entre os diferentes atores sociais envolvidos neste projeto (comunidade, funcionários dos órgãos municipais e discentes/docentes da UNIFESP), vem permitindo a apropriação de saberes necessária a construção de práticas favoráveis à saúde.

A esse respeito, Ribeiro (2009, p.339) chama atenção para o fato da Fisioterapia ainda tender “a transportar para o trabalho na comunidade a lógica de atuação predominante na universidade, onde os estudantes vão depositar

seus conhecimentos na população, prescrevendo normas de comportamento descontextualizadas, consideradas capazes de promover saúde em um processo de invasão cultural”. Completa que “só há possibilidade de interlocução, se há respeito pela diversidade cultural, pela diferença de valores, crenças e raças”. A abertura do profissional para o diálogo “desponta um novo saber que toma como ponto de partida o saber popular, valorizando-o, mas também reconhecendo seus limites”.

A literatura recente mostra, ainda de forma embrionária, a ampliação da Fisioterapia na Saúde Coletiva, principalmente, em regiões brasileiras com menores índices de desenvolvimento social. Como possíveis limitantes da ampliação do campo, podemos citar a resistência tanto dos discentes como dos profissionais da área, bem como da própria comunidade e das equipes de saúde que almejam dos fisioterapeutas exclusivamente o tratamento clínico reabilitador.

Os benefícios gerados estão sendo observados tanto pela comunidade quanto pelos os alunos que passam a ter acesso às ações de saúde desde a prevenção até a assistência direta à comunidade. Assim, mais do que indicar intervenções de assistência ou atendimento direto, este plano de Extensão foca na inclusão de grupos sociais socialmente desprotegidos dentro da política nacional de Saúde do Trabalhador e de Saúde Coletiva.

É uma interessante tentativa de gradativamente ir transformando o imaginário social dado a profissão, difundindo a importância da fisioterapia coletiva na sociedade e na academia. Simultaneamente, será possível criar novas possibilidades de atuação aos discentes do curso de Fisioterapia, reorientando a atuação deste profissional ainda centralizada na reabilitação e contribuindo com a (re)significação do ethos da profissão, cuja identidade social ainda confere pouco valor social as ações comunitárias, ao saber popular e as práticas preventivas.

## REFERÊNCIAS

BISPO JUNIOR, J. P. Fisioterapia e saúde coletiva: desafios e novas responsabilidades profissionais. *Ciênc. saúde coletiva*, v.15, suppl.1, p. 1627-1636, 2010.

CARAPINHEIRO, G. *Sociologia da Saúde. Estudos e Perspectivas*, Coimbra, 2006, 240p.

MORANO, M.T.A.P. *Fisioterapia: na busca da excelência acadêmica e o compromisso social: proposta social*. Universidade de Fortaleza, 2005. 35p.

RIBEIRO, K. S. Q. S. A experiência na extensão popular e a formação acadêmica em fisioterapia. *Cad. Cedes*, v. 29, n. 79, p. 335-346, 2009.